

ESTUDOS EM FILOSOFIA DA PSICOLOGIA: QUESTÕES RELATIVAS À PERCEPÇÃO, AO MOVIMENTO E AO COMPORTAMENTO.

Justificativa: A psicologia não manifesta desinteresse pela filosofia, mas busca guardar distância em relação à reflexão filosófica. Este é o posicionamento tradicionalmente observado no que diz respeito às relações entre a psicologia e a filosofia, sobretudo quando se trata de assegurar a primazia dos dados empíricos frente ao caráter essencialmente especulativo da filosofia. Contrapõe-se a esta ideia o fato de que aquilo que se convencionou chamar de psicologia refere-se, na verdade, a um vasto campo de conhecimento, essencialmente dispersivo, que se atesta na ausência de um consenso conceitual e metodológico mínimo entre as suas diversas perspectivas teóricas, acabando por revelar o caráter problemático de toda asserção psicológica que se pretenda rigorosamente científica. Tal fato, por si só, já abre caminho para que o trabalho conceitual em psicologia volte-se ao estudo dos compromissos filosóficos que, explícita ou implicitamente, sustentam as pesquisas psicológicas. Este é o principal ponto de convergência dos trabalhos que compõem a mesa redonda que ora propomos: investigar os fundamentos filosóficos inerentes aos conceitos psicológicos. De diferentes perspectivas, vinculadas, cada uma a seu próprio modo, à temática geral da relação entre psicologia e fenomenologia, serão analisados três conceitos fundamentais da psicologia, sobre os quais raramente os psicólogos se entendem: percepção, movimento e comportamento. O primeiro trabalho é dedicado ao estudo das implicações entre percepção e movimento a partir da teoria da constituição em Husserl e dos seus desdobramentos na filosofia de Merleau-Ponty. No segundo trabalho, consagrado ao projeto fenomenológico de Merleau-Ponty, debatem-se os conceitos de comportamento e de estrutura com o propósito de analisar os encaminhamentos filosóficos acerca das relações entre consciência e natureza. A terceira comunicação destina-se ao problema da percepção na obra de Willian James, mais especificamente à discussão da experiência perceptiva aquém do dualismo entre sujeito e objeto, o que permitiria a aproximação entre o projeto epistemológico de James com tradições contemporâneas, como a psicologia da Gestalt e a própria fenomenologia.

HIST - História em Psicologia

PERCEPÇÃO, IMPERCEPÇÃO E MOVIMENTO: A EXPERIÊNCIA SENSÍVEL NA TRADIÇÃO FENOMENOLÓGICA. *Danilo Saretta Verissimo (Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, SP)*

Neste trabalho, com base no pensamento fenomenológico, apresentamos a questão da unidade entre percepção e movimento a partir do sistema de oposições que marcam nossa experiência sensível. A percepção é um objeto privilegiado de estudo na tradição fenomenológica, tanto em filosofia como em psicologia. Autores como Husserl, passando por Erwin Straus e Merleau-Ponty, até filósofos contemporâneos como Renaud Barbaras, proveem-nos com conquistas significativas no debate dos problemas relativos à experiência perceptiva. A maior delas refere-se à encarnação do sujeito da percepção. Nossa experiência do mundo é entrelaçada à nossa condição de sujeitos encarnados. Um dos desdobramentos desta posição filosófica é a possibilidade de descortinar, em meio ao aparecer das coisas, uma dinâmica de conjugação das dimensões de presença e ausência, de visibilidade e invisibilidade, na experiência sensível. Para Merleau-Ponty, trata-se de tematizar o fato de que em todo sensível apresenta-se um inapresentável, excesso que possui um caráter constitutivo, irreduzível a uma presença positiva. Nessa direção, Merleau-Ponty afirma que o percebido abarca aquilo cuja inexistência “conta praticamente para mim”. Fundamentando-se na psicologia da forma, o filósofo trata da percepção como impercepção. De acordo com o autor, o dispositivo gestaltista de figura-fundo mobiliza justamente a lateralidade do fundo, que não sendo, em si, objeto da percepção, sustenta, contudo, a posição da figura. Esta sempre implica a expressão de um “fundo inarticulado”, presente em uma relação de “impercepção eficaz”. No campo filosófico, a referência das análises merleau-pontianas é o pensamento de Husserl. A novidade da análise intencional da percepção em Husserl deve-se à estrutura de horizonte, que caracteriza a unidade do objeto percebido na multiplicidade de perfis apresentados. O objeto “aparece” sob certas orientações, de maneira que cada nova orientação implica o encobrimento da anterior, cuja invisibilidade não deve ser tomada como uma dissimulação por detrás da aparência, mas como o que assegura a visibilidade da coisa espacial. Considera-se que o mundo não se encontra ao redor de nós como um sistema de objetos exteriores uns aos outros, mas como um “conjunto aberto de coisas” às quais “nos projetamos”, afirma Merleau-Ponty. Um dos elementos essenciais do espaço vivido, este que se encontra aquém dos prejuízos de um mundo objetivo, e que se revela na estrutura de horizontes, é o movimento. Enquanto nosso corpo move a si próprio, ele se mostra “inseparável de uma vista do mundo” organizada em torno da sua potência de movimento, ou seja, da infinidade de horizontes que brotam do “eu posso” que caracteriza nossa corporeidade. Isso quer dizer que a impercepção, subentendida em cada apresentação do mundo, reclama o movimento, que, por sua vez, se constitui como atividade perfeitamente acoplada ao momento de passividade. Dessa dimensão motora da experiência perceptiva, novos dispositivos teóricos podem emergir para caracterizar o sujeito da percepção. Por meio desta discussão, esperamos colaborar para a investigação do valor de crítica que o sistema de oposições sensíveis possui frente às expressões da dimensão objetivante do pensamento na filosofia e na psicologia, bem como o seu papel na restauração da dimensão carnal da vida perceptiva. Palavras chave: Fenomenologia, percepção, movimento.

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia

COMPORTAMENTO E ESTRUTURA NO CONTEXTO DO PROJETO FENOMENOLÓGICO DE MERLEAU-PONTY. *Matheus Hidalgo* (Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE)

É significativo que Merleau-Ponty tenha decidido começar seu itinerário filosófico, ao se propor a compreender o clássico problema das relações da consciência com a natureza, partindo “de baixo”, ou seja, começando por uma “elucidação direta” da noção estritamente científica de comportamento (*behavior*). Devidamente compreendido, o comportamento permitiria uma compreensão original da “consciência” - quando esta última já não pode mais ser identificada nem a uma realidade psíquica (definida como pura interioridade) nem a uma causa (enquanto termo de ligação de eventos exteriores entre si), mas, isto sim, a uma estrutura dinâmica de relações entre o organismo e o ambiente (*Gestalt*) - tornando possível superar a clássica oposição ontológica, tacitamente presente nas explicações psicológicas disponíveis à época (de Pavlov à Freud), entre, de um lado, o “psíquico” (objeto inextenso das diferentes abordagens da psicologia) e, de outro, o “físico” ou o “fisiológico” (objetos extensos das ciências naturais, como a física e a biologia). Desde então, embora em circunstâncias teóricas sensivelmente diferentes, a noção de *estrutura do comportamento* desempenhará um papel crucial ao longo de toda carreira do filósofo, como sugerem algumas passagens dos seus textos e das suas últimas notas de trabalho, postumamente publicados. No contexto específico do primeiro livro do filósofo, que nos interessa mais de perto, será preciso compreender, a um só tempo, tanto a emergência de estruturas superiores a partir das inferiores (do simbólico para além do físico e do biológico), garantindo, assim, a especificidade das mesmas, quanto a articulação dialética, portanto essencialmente não-mecanicista, entre as diferentes estruturas singulares: o termo superior (o simbólico ou o mental), não sendo uma coisa (ao modo de um *substantia pensante*, por exemplo), mas uma estrutura, mais especificamente uma estrutura de conduta, só se expressa como um movimento de retomada, mas também de superação, ou negação, dos termos inferiores (físico e vital). Portanto, é num só e mesmo gesto que o superior tanto funda quanto é fundado pelo inferior – e isso necessariamente. Este trabalho pretende mostrar de que modo a interpretação merleau-pontyana dos conceitos psicológicos de “comportamento” (*behavior*) e “estrutura” (*Gestalt*), desde que liberados dos pressupostos ontológicos das psicologias behaviorista e gestaltista, respectivamente, permitem introduzir, no contexto do primeiro livro de Merleau-Ponty, *A estrutura do comportamento*, a possibilidade de uma compreensão renovada das relações da “consciência” com a “natureza”. Para isso, faremos uma análise da quarta seção da terceira parte do terceiro capítulo do livro supracitado, quando o filósofo argumenta contra o pensamento causal, interpretando o freudismo em termos de estrutura.

Palavras-chaves: comportamento; estrutura; fenomenologia.

P

HIST

O ALCANCE DO EXAME DA PERCEPÇÃO NA PSICOLOGIA DE WILLIAM JAMES. *Paulo Gilberto Bertoni* (Departamento de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA)

A contribuição de William James (1842-1910) ao pensamento contemporâneo alcança diferentes disciplinas e áreas do conhecimento. Reconhecido como um dos responsáveis pelo desenvolvimento de uma psicologia científica no século XIX, principalmente nos Estados Unidos, ele também recebe atenção pela elaboração de uma reflexão voltada à epistemologia, o Pragmatismo, à metafísica, o Empirismo Radical, e à experiência religiosa. A diversidade desses interesses, ao mesmo tempo em que desperta a atenção de leitores de variados perfis, cria dificuldades para seus intérpretes. Especialmente fecundas, e marcadamente controversas, são as tentativas de articular as premissas assumidas em sua psicologia e as teses defendidas na fase final de sua vida. Algumas interpretações sugerem a cisão entre sua psicologia e o desenvolvimento de sua filosofia, enquanto outras, em uma perspectiva mais conciliatória, aproximam os dois campos, mas ao custo de uma suavização, talvez demasiada, de algumas posições assumidas no projeto psicológico. Podemos dizer que, pelo menos em parte, essas dificuldades são fruto do próprio estilo do autor e das condições de elaboração de sua principal obra dedicada à psicologia, o livro "Princípios de Psicologia", publicado em 1890. No entanto, parece-nos que uma leitura cuidadosa desta obra revela que a defesa de um projeto experimental e positivista para a psicologia, que se auto declara como indiferente, e até mesmo avesso, às elucidações conceituais, contrasta e cede espaço a um exame conceitualmente sofisticado e elucidativo de diversos problemas. Nessa perspectiva, insere-se, por exemplo, o tratamento dado à percepção. O "dualismo imediato" entre sujeito e objeto, tomado, segundo o autor, como ponto de partida, tanto pelo senso comum quanto pelo psicólogo, para a investigação de todo ato de conhecimento, não parece tão necessário quando James apresenta a experiência como um campo. Esse movimento pode ser acompanhado, especialmente, a partir das considerações sobre o conhecimento presentes em um artigo publicado em 1885, "On the function of cognition", e as indicações feitas nos capítulos sobre percepção e sensação nos "Princípios". O objetivo dessa exposição é mostrar, com base no itinerário sugerido, que a premissa dualista, senão contraditória, parece, pelo menos, dispensável ao exame da percepção, e, com isso, que a psicologia da cognição desenvolvida por James até o início da década de 1890 articula-se muito mais com seu projeto filosófico posterior do que pode, à primeira vista, parecer. Como consequência, esperamos destacar, também, a afinidade entre o pensamento jamesiano e algumas tradições da filosofia e psicologia contemporâneas, especialmente a psicologia da Gestalt e a fenomenologia.

Palavras chave: William James, percepção, dualismo.

Pesquisador - P

HIST - História em Psicologia